

SONIA CARNEIRO

BRASÍLIA — Caciques políticos que comandam seus estados com mão de ferro, os senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e Iris Rezende (PMDB-GO) diferem no estilo de atuar e na origem política, mas seus perfis possuem muitas semelhanças. Ambos são considerados *carne de peixeço*. Contrariá-los é o mesmo que assinar uma sentença de morte. Senadores de primeiro mandato, que já governaram seus estados mais de uma vez, Iris e ACM foram ex-ministros do governo José Sarney e presidentes das duas mais importantes comissões do Senado na atual gestão, a de Constituição e Justiça e de Relações Exteriores, respectivamente. Os dois senadores se declararam candidatos “sarneysistas” na campanha. Também almejam o apoio do presidente Fernando Henrique. Iris, na forma de neutralidade, e Antonio Carlos, através do PSDB.

Problemáticos — Governistas, mas com alinhamento limitado aos interesses estaduais, tanto Iris quanto Antonio Carlos são favoráveis à emenda da reeleição, mas ambos já criaram problemas aos interesses do governo e da própria emenda. Antonio Carlos ameaçou romper com o governo durante as dificuldades nas negociações para a compra do Banco Econômico pelo Excel, colocando em risco a aliança e o projeto da reeleição. Conseguiu salvar o banco. ACM resistiu em enviar o

relatório da supercomissão do projeto Sivam ao plenário e investigou todas as denúncias contra o projeto, atrasando sua aprovação. Ameaçou ainda levar ao presidente Fernando Henrique um dossiê contra o presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, quando se viu envolvido no escândalo da Pasta Rosa, no ano passado. Antonio Carlos foi citado como tendo recebido doações dos bancos, junto com outros políticos.

Criou ainda briga entre tucanos e pefelistas sobre a participação do PPB no ministério Fernando Henrique, e garantiu o apoio do PFL à candidatura de Celso Pitta, quando o partido ameaçava interferir no PFL paulista. Em troca, Paulo Maluf estendeu-lhe o tapete vermelho e apoiou sua candidatura à presidência do Senado, mesmo contrariando a aliança contra a reeleição para os futuros governantes. Ficaram famosas ainda as brigas de Antonio Carlos com o ministro Sérgio Motta e com o governador do Rio, Marcelo Alencar. Hoje, Mota é acusado de fazer campanha de bastidores para ACM.

Rompantes — Os dois candidatos diferem significativamente no trato com os senadores. Antonio Carlos já foi parar na comissão de ética do Senado por ter agredido a socos o senador Ney Suassuna (PMDB-PB). Também bateu boca e trocou xingamentos com os senadores Pedro Simon

(PMDB-RS), Roberto Requião (PMDB-PR) e Levy Dias (PPB-MS). Chamou o senador Ademir Andrade (PSB-PA), de “moleque”, mandou Humberto Lucena (PMDB-PB) ficar quieto e expulsou do plenário uma assessora da senadora Marina Silva (PT-AC). Há um ano agrediu uma professora que foi assistir sessão do Senado, e o provocou. Também apertou a nuca de uma jornalista que lhe fazia perguntas inconvenientes. Nada aconteceu. Na campanha eleitoral, a antropóloga Ruth Cardoso definia o PFL, como o partido que “tem o ACM mas também tem Gustavo Krause”.

Já Iris Rezende, é dono de estilo mais *light*. Evangélico e populista, é carinhoso, fala baixo, e não é de rompantes ou brigas com os colegas. Até na campanha eleitoral, Iris permaneceu calmo, e a campanha transcorreu sem baixarias e acusações. O único rompante de Iris foi ameaçar adiar a emenda da reeleição para forçar o apoio do governo à sua candidatura. Iris se rebelava contra o calendário “papai” elaborado pelo presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães para favorecer sua candidatura. Conhecido por não abandonar uma boa briga, Iris preferiu levar sua candidatura até o final do que negociar sua ida para o ministério dos Transportes, que lhe foi oferecido em troca da renúncia para apoiar ACM.